

## O belo e o pertencimento Em torno da estética afro-brasileira

Caracteriza a estética africana, entendendo-se aí várias e diferentes estéticas e Áfricas nessa chegada e nesse olhar, por traduzir e revelar a natureza, o homem e o mito de maneira vivencial, sendo antes de tudo estética de viver, de experimentar e não apenas de apreciar. Assim, nascem e formam-se sistemas simbólicos que podemos chamar do lugar da estética, onde também está o lugar da comunicabilidade da música, da pintura, do desenho, da dança, do canto, da palavra, da escultura, dos adornos corporais, do próprio corpo, de comida, da roupa, da arquitetura e da fé religiosa.

Ao olhar esses patrimônios no Brasil, olha-se novamente para a diversidade, para a multiculturalidade de povos africanos, reatando sentimentos afro-islâmicos integrados ao ser português, falando certamente de temas comuns dessa ampla, rica e geral afrodescendência.

Os trânsitos entre o tempo histórico e o tempo mágico dão o sentido da identidade ao que se quer nominar de estética de base etno-cultural ou de estética fundada nas longas trajetórias de povos, civilizações e sociedades africanas aqui presentes, interculturalmente presentes.

Contudo, um olhar privilegiado para o sagrado legítima manifestações, aproxima sentimentos pessoais e coletivos, buscando nos mitos orixás, voduns e inuítes e nos ancestrais divinizados como os eguns e os caboclos papéis reguladores dos códigos de ética, moral e gênero e assim orientando linguagens sensíveis, determinando territórios de pertença.

Expressivos são os acervos visuais, sonoros, do gosto das comidas, nas maneiras de fazer do corpo o principal suporte estético, para assim comunicar o sagrado, o trabalho, o poder, a sexualidade e conquistar o direito à diferença, a alteridade.

Processual, dinâmica e liberta vive o que elegemos por estética afro-brasileira atuante no cotidiano ao preparar a massa do acarajé ou na festa usando a máscara do gazumbã para louvar o boi, animal mitológico no auto, teatro de rua e cortejo do bumba-meu-boi.

O espaço estético afro-brasileiro ou simplesmente afro é marca e território aliado ao imaginário sagrado, contudo não exclusivo das manifestações dos terreiros, das comunidades que vivem para manter eles memoriais e elos idealizados entre uma África mítica e uma África criada na diáspora.

A estética assume papéis de resistência, de manutenção de identidades, de criação de outras identidades não exclusivamente africanas mas afro-brasileiras.

O belo afro é cultural, nasce do costume, determina o que identifica, diferencia e singulariza em contextos de sociedades globalizadas. Assim, o belo é o alcance da memória e é a gênese dessa estética autenticadora da nossa tão evidente afrodescendência de povo e civilização.

O penteadado, a jóia, o pano, o corpo, o gosto, o cheiro, as escolhas, os ritmos, o som da palavra, o som do instrumento musical, o jeito que é gíngua de

cintura, pois temos logo de cintura, fazem o encharcamento nacional e geral, nessa construção permanente de ser brasileiro.

Fazer parte de uma nação de candomblé kêtú, jeje, angola, congo, igexá, moxicongo, de caboclo; integrar uma nação do maracatu Elefante, Leão Corado, Cambida; ser personagem dos reinados do congo; estar em uma ala da escola de samba; assumir a capoeira angola e regional; escolher o dendê, o quibô, o inhame, o ataré (pimenta); usar iléguês, colares de búzios, de contas nas cores emblemáticas dos deuses; usar roupa branca às sextas-feiras; saber fazer os passos miudinhos de samba-de-roda; saber fazer o passo do trevo de rua; integrar os cortejos e procissões para louvar o Divino Espírito Santo e na alma reverenciar os voduns da família real de Abomey, Benin; escolher o vermelho puro aliado ao amarelo; ostentar tranças nagô; invocar Santa Bárbara e lançar ao mesmo tempo quando há um temporal; sentir o calor da fogueira de São João vivendo também o fogo de Xangô, Sobô e Badé; lavar a Igreja do Bonfim e purificar o dia nas águas fétidas de Oxalá; se sentir protegido sob um iroko, gameleira; saber rodar e dar punção (umbigada) no tambor de crioula; vender mingau de carimã com água de flor de laranjeira e ser assim também mugilmano; oferecer acarajés e abarás nos tabuleiros na rua; ocupar os mercados na ordem e na organização dos antigos mercados africanos; ostentar a bandeira como uma rainha, sendo porta-bandeira de uma escola de samba; saber bordar richelieu, técnica dos panos e das roupas do povo-do-santo e das mulheres de saia que vendem nos tabuleiros; tecer o pano-de-alaká, pano-da-costa; saber trançar fibras, palha-da-costa; fazer louça de barro para a casa, para as cozinhas, para as feiras; construir e afinar atabaques, cucucas, pandeiros e zabumbas; entalhar e oferecer em lugares de milagres peças de madeira que mostram o corpo humano, especialmente cabeça e braços, enquanto ex-votos, onde se vê a permanência das máscaras e esculturas da África; sentir o corpo para o jongo, para o jeito igexá dos atoxes; tomar banho de folhas sagradas; mascar orbi, vender tacacá na cuia; fazer cuxá para comer com arroz e peixe; botar os búzios para saber os odus; usar a medicina para o corpo e para o espírito; compreendendo bicho, folha e água; assumir o cabelo e o beijo; dar a pele um sentido civilizador; pisar na terra e lembrar dos ancestrais fazem alguns dos muitos momentos da vida estética, compartilhamento de nós afrodescendentes/brasileiros.

Nas cozinhas, nos mercados, nos terreiros, no samba, nos trabalhos de bordadeira, ceramista, trançando fibras, fazendo penteados, alcançando muitos outros lugares do mundo, transitando na diversidade, conquistando novos papéis sociais é a mulher, fortemente mãe, provedora, orientadora dos destinos unindo ancestralidade e contemporaneidade, reinventando no cotidiano as tradições. Pois, são transmissões que se dão na casa, na família, no terreiro, nos tabuleiros, nos mercados, nas universidades, nas fábricas; comendo acarajé, rezando para Santo Antônio que é Ogum ou rezando para São Jorge que é Oxossi, vive-se tão intensos patrimônios construídos e preservados pelo que de referência/utilidade chegam dessas inúmeras soluções para representar, simbolizar e integrar o mundo pelo olhar afro.

Esta na mulher um notável espaço patrimonial do que se cria e mantém dos imaginários que se concentram nesse nicho do saber fazer que é a da estética afro-brasileira. Além de realizadora e usuária do que faz, a mulher expõe, manifesta publicamente quem é, seu lugar, sua história, tendo no seu corpo o melhor e mais imediato sentimento de comunicabilidade.

Por ser essencialmente polifricano o que se chama por afro e na ampliação afro-brasileira, sabe-se das múltiplas construções dos ideários das identidades e por conseguinte de uma estética, melhor dizendo estéticas que falam entre si, nos representando e nos identificando.

Para aproximar um pouco mais tantas vertentes históricas, económicas, sociais e culturais trago a roupa e a comida, unindo decisivamente estes dois casos exemplares para ampliar, valorizar, dizer de materiais, técnicas, texturas, cores, símbolos e usos da mulher.

Torço na cabeça, geralmente de pano branco engomado com as pontas de renda ou bordada complementando folhas de arruda ou de São Gonçálinho; nas orelhas brincos como o pitanga ou o barlizinho, ou então argolas de ouro; no pescoço fios de miçangas, corais, prata, correntões de elos largos, chamados cachoeirano; todos pendendo para as costas onde se vê figas, bentiños, contas maiores de louca, de âmbar, dentes encastados, ferramentas dos orixás em prata, latão e cobre.

Veste camizu rebordado em richélieu, por cima larga bata; anáguas armadas, farta saia, estampada, bordada, de cor única, geralmente com mais de cinco metros.

Nos pés chinelas, em especial o changrím, de ponta virada à mourisca. É assim a baiana.

A mulher cheira cheiro de flor, desfila como uma rainha, sendo sem dúvida, o tipo uma verdadeira instalação da estética afro-brasileira.

Da roupa de baiana, dos muitos objetos e tecnologias que se unem à comida, pois o tipo também está no tabuleiro, fala com o povo pela boca, pelo gosto, pelas receitas de azeite, de pimenta, de açúcar, pois se pode também olhar para a mulher e seu tabuleiro enquanto um espaço de arte, uma instalação na rua.

Se junta à boca e o corpo ao samba, pois todos têm na mulher a grande articuladora e conhecedora das receitas, regras, e ritmos que circulam entre a saia, a panela e a umbigada. É a festa, o pagode, o espaço do partido.

O partido é também reunião, samba de partido, também chamado de partido alto é uma extensão da cozinha enquanto lugar de conhecer gostos, cardápios, trazendo os mesmos utensílios que estão à mesa para fazer ritmo, promover os encontros do corpo com a festa. O prato de louça friccionado nas bordas por faca é a base do samba tradicional, samba-de-roda, e é a mulher que assim puxa, canta, promove a celebração da boca com o restante do corpo. É sem dúvida, um momento de total interação entre comida, bebida, canto e dança.

Mulheres famosas as tias, tias da costa, geralmente ligadas ao culto dos orixás, donas de bancas no mercado, vendendo produtos da África: pano-da-costa, obi, orobô, sabão-da-costa, contas, búzios, ossum, waji, efum, lelecum, bejerecum, ataré entre tantos outros; famosas também pelo bom samba, pela maneira rica de vestir.

Imagens do final do século XIX, fotografias, relatos e desenhos de documentalistas como Verger e Carybê, mostram as negras do partido alto, mulheres endinheiradas, que ostentavam jóias de ouro e prata. Cordões feitos de bolas trabalhadas, padre nosso confeitado; rosáceas, cruz palmito em ouro; figas de coral, braceletes, tipo escrava, em filigrana e medalhões; punhos também de ouro; anéis em todos os dedos, de pedras e ouro, tudo sobre beca, roupa de festa. Saia preta plissada, camisa branca de cambrala e bordados,

complementada com abotoamento de ouro, pano-da-costa, changrim branco nos pés; na cabeça torço de tecido nobre, seda, ou mesmo de alākā. Ainda grandes brinco de contas africanas de louça e coral e complementando a roupa, na cintura, a pence de balançandās, molho de diferentes objetos, na maioria de prata, fazia do corpo da mulher um magnífico espaço de expressão e de poder.

Quase sempre, por ocasião das festas das Irmãdades de Nossa Senhora da Boa Morte entre outras, essas senhoras portavam também o moxo, banquinho de madeira de assento de palhinha da Índia e guarda sol, também preto e de punho de madeira crescido de ouro.

Tantos imaginários, fluindo e falando da fé, da festa, da comida e especialmente do corpo simbolizado.

Assim, lembranças das marcas étnicas dos Iorubās, Fon, Ewe, Popo, Mina entre outros povos da África Ocidental, reconhecidos pelos lanhos faciais por escarificações, permanecem nas pinturas corporais dos lāōs, novíços, dos candomblés, remetendo histórias da África, das presenças, das memórias e de tantas e novas marcas que são ostentadas como orgulho de pertencimento.

O branco ētum e o azul wāll, pigmentos naturais, fazem no corpo uma magnífica expressão estética, pois são os contatos do hoje com a memória remota e ancestral. O mesmo se dá, ainda nesses ritos de passagem entre o mundo e a vida religiosa, portando o ekodidē, pena vermelha, fixação do sangue jorrante da vagina. Assim, com a cabeça marcada e simbolizada nasce o dēus; na cabeça do ião, depilada, toda azul; pois a cabeça é o mundo e o mundo é azul.

Traços e círculos, desenhos conectados com as marcas da pantera e dos passaros, traduzindo a mulher-gênese, a mãe do mundo. A mãe que voa como passaros e que vive na cabeça, lugar secreto, útero gerador de tudo que está sobre a terra.

A cabeça é a cabeça, tem forma redonda, por isso é também barriga. Barriga preta que sugere o formato dos abanos rituais, abēbēs, peças feitas de latão, pois tudo remete, lembra e valoriza o princípio feminino.

A estética da cabeça, que dialoga com o corpo, traduz a importância de marcar e destacar cabelos e penteados. Pois está na cabeça e no que ela revela a construção da pessoa.

Assim, a estética dos cabelos fala com a máscara, com as esculturas antropomorfas, zoomorfas e fantásticas, como também no desenho, na pintura, com os objetos de ferro, bronze, ouro, marfim entre outros.

Fui o penteadado da máscara para a cabeça ou fui da cabeça para a máscara; ou ainda fui das esculturas de deuses familiares como os lbejis e os oxēs de Xangô; indicando elementos visuais que vivem no cotidiano, orientando o ato de pentear, no fazer coçô, trancinha, trancinha nagô de padrões estéticos experimentados por milhares de brasileiros.

Vive-se na casa, na rua, no terreiro, na festa, integrados aos nossos papéis sociais, tantas formas, maneiras e soluções do fazer e do usar, compoendo esse tão rico, amplo e plural imaginário afro-brasileiro, tradutor de estéticas para falar com o mundo e se situar no mundo. É o reconhecimento na cor, no material, na textura, no significado, na afirmação, na construção, na comunicação da pessoa. Pois tudo é marca. Revive-se então as marcas nos rostos, nos corpos, agora interpretados como lugares de alteridade, de

diferença, de pertencimento, de manifestar o que é belo, do que é próprio do

acúmulo da história.

Marcas pelo trabalho, marcas pelas conquistas políticas, marcas pelos direitos culturais, marcas por tantos e muitos outros direitos por ainda conquistar. O lugar, lugares de expressar os conteúdos do que chamamos de estética afro-brasileira é geral, não restrito ao terreiro e ao samba, embora terreiro e samba falem de formas de resistência, de interação com a sociedade complexa.

A afirmação das identidades/estéticas não são reducionistas ao lugar esperado ou mesmo do lugar possível para a afrodescendência. Não é exclusivo do naif e nem da tonalidade popular. Há de ser e de viver essa tão geral e nossa longa experiência, incorporando criatividade e dinâmica que tocam no belo que é pertencimento.

Pois assumir é preciso. Ter uma identidade é preciso. Ter na estética um lugar de reivindicações é também preciso.

**Raul Lody**

## **Roteiro Iconográfico**

1. Viajantes  
Rugendas  
Debret  
Florence e outros.
2. Fotografias de Pierre Verger
3. Desenhos de Carybé.

## ***Créditos***

Raul Lody, antropólogo, museólogo, especialista em assuntos afro-brasileiros, tendo publicado mais de 480 títulos (1972-2004); é curador da Fundação Gilberto Freyre (Recife, PE); é curador da Fundação Pierre Verger (Salvador, BA); membro da Academia Brasileira de Belas Artes, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Secretário geral no Brasil da Commission Internationale sur l'Anthropologie de l'Alimentation (CINRS).